

AINDA EXISTE FLA-FLU

Fernando Miranda

HOJE, 30 de abril de 2017, joga-se a primeira final do Carioca, entre Flamengo e Fluminense. Há 22 anos, se enfrentavam num jogo decisivo, que se tornou famoso pelo gol de barriga de Renato Gaúcho. O Brasil era tetracampeão do mundo, e Romário e Branco, campeões mundiais, estavam em campo – ambos pelo Flamengo, embora Branco tivesse viajado para os EUA, em 94, como jogador do Fluminense. Hoje, o Brasil já é penta, com o acréscimo dos 1x7 contra a Alemanha, na última Copa do Mundo, disputada justamente por aqui. E o que mais?

Nestes 22 anos, o futebol mudou tanto, que seria impossível fazer um resumo de dois ou três parágrafos para abarcar as diferenças. Se naquele 1995 tínhamos, por exemplo, o canal de TV a cabo recém surgido, hoje o mesmo canal se ampliou em três, além da chegada dos seus concorrentes. O estádio, cujo nome segue sendo Maracanã, passou por duas reformas, na verdade, duas metamorfoses, uma para os Jogos Panamericanos de 2007, outra para a Copa do Mundo de 2014. Quem observar as imagens daquele Fla 2x3 Flu, verá pessoas de pé, pulando – geralmente nos gols do Flamengo –, próximas ao gramado, praticamente no nível do gramado, e separadas por um fosso. Era a geral, da qual gerações mais novas, ocupadas com outras coisas – com suas vidas – talvez nem tenham conhecimento. E quantos lembrarão as arquibancadas de cimento, sem assento, recebendo uma capacidade que, nos olhos de hoje, seria sobre-humana? As inovações táticas e principalmente a atenção dedicada ao condicionamento físico dos jogadores alterou muito o estilo de jogo, além de uma abertura de mercado que passou a englobar não apenas a Europa, mas também mundo árabe, Japão e, recentemente, a China, fazendo com que as equipes brasileiras dispusessem – esta a impressão – de muitos jogadores ou muito novos ou muito velhos.

Este último aspecto recorda o que acontecia com a Europa daquela época, quando a consolidação da União Europeia alterava as regras de limite de estrangeiros por time, o que beneficiou os países mais ricos. Na verdade, a regra em si permaneceu, e apenas três estrangeiros podiam atuar por cada equipe. O que mudara foi quem passava a ser considerado estrangeiro, uma vez que alemães não eram mais estrangeiros na Espanha, franceses não eram mais estrangeiros na Itália, e assim por diante. Basta pensar no clássico Milan, dos três holandeses (Van Basten, Gullit e Rijkaard), x Internazionale, dos três alemães (Brehme, Matthäus e Klinsmann), na passagem dos anos 80 para os 90. Desse modo, mais latino-americanos, mais africanos e até mesmo os orientais começaram a ser contratados pelas equipes europeias, que hoje em dia são, até mesmo as dos clubes pequenos, verdadeiros selecionados internacionais.

Na esteira das transações, também o Brasil aumentou o número de atletas estrangeiros, e se Hugo de León erguendo a taça pelo Grêmio nos anos 80 foi uma marca, se o gol de Romerito, dando o título brasileiro ao Fluminense de 84 foi uma marca, hoje até times menores possuem algum atleta de outro país da América do Sul. Do Carioca de 95, em que não me recordo de nenhum estrangeiro, temos, só entre os grandes de 2017, treze jogadores (em cálculo que faço de cabeça, com risco de ter esquecido alguém). Se incluirmos Loco Abreu, do Bangu, passamos a 14 jogadores, o que nos permite entrar em campo com time titular e as três substituições possíveis.

Isto tudo não é apenas uma recolha de dados, porque indica muito mais do que está dito. Indica um mundo que realmente desapareceu, e outro que emergiu, muitas vezes longe da nossa percepção imediata.

E muito mais para ser dito estaria ao lembrar que naquele 1995 o CD ainda tinha ares de novidade – o meu primeiro CD *player* veio em 96, e na época se alimentava o costume de alugar os álbuns, além de se recorrer a lojas especializadas quando se tratasse de determinados estilos menos abrangentes. Agora, nesta final de 2017, os CDs já celebram seu caminho para um possível esquecimento. Se a indústria permanece, ela não é, porém, o centro de um fluxo que atravessa a internet, em diversas esferas. Esta internet que naquele 95 era impensável, pelo menos no grande público, e que logo passaria pela sua fase de conexão discada, *chats*, portais, até chegar ao universo hodierno das redes sociais e de uma vida que se organiza virtualmente. Passagens de avião, de trem, bilhetes de cinema, teatro, *shows*, eletrodomésticos, roupas e sabe-se lá mais o que podem ser comprados por cadastro e preenchimento de alguns números.

Os resultados dos jogos chegam instantaneamente, pelo celular, e a lembrança do placar indicando os resultados dos outros jogos da rodada soa pré-história para jovens que, nascidos no ano daquele Fla x Flu, hoje completam vinte e dois anos e caminham por um mundo da vida que os adolescentes daquela época não previam sequer em filmes de ficção científica.

O Brasil via, em 95, o início do primeiro mandato de um presidente eleito a se completar no tempo estabelecido e, 22 anos após, já se encontra em um mandato interrompido. A então promissora União Europeia convive agora com a saída da Inglaterra, com a insatisfação de muitos dos seus membros, e com uma avalanche de imigrantes, pelos mais diversos motivos, não apenas pelas guerras. Se naquela final ainda tínhamos em mente os conflitos na antiga Iugoslávia, a queda do Muro de Berlim, o colapso soviético, hoje mal podemos pensar que entre nós e aqueles eventos houve os ataques das Torres Gêmeas e que o “tema da vez” é escolhido por agência de notícias capazes de mobilizar milhões de pessoas espalhadas pelos mais diversos cantos deste planeta, bastando algumas imagens, uma retórica batida e uns poucos segundos.

E poderíamos passar horas lembrando do mundo que já deixou de existir, ainda que muitos se agarrem, por ideologia ou melancolia, a ele. E se ousarmos olhar para frente, saberemos perguntar sobre que mundo nos espera na próxima vez em que Flamengo e Fluminense decidirem um campeonato?



Fernando Miranda

Nascido em 6 julho 1979, doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, mestre em Literaturas pelas universidades Nova de Lisboa, Tübingen (Alemanha) e Bergamo (Itália).